

## **A IMORTALIDADE DO VELHO BARBUDO<sup>1</sup>**

### **Esquerda atual não consegue sustentar força revolucionária e anticapitalista de Karl Marx**

Sandro Luiz Bazzanella  
Walter Marcos Knaesel Birkner  
Canoinhas

Na edição de 7 de outubro de 2007, o Anexo Idéias publicou um artigo quase seminal do sociólogo Carlos Eduardo Sell, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ali, o autor fala sobre a intelectualidade brasileira e, ao final, propõe o fim do marxismo. A iniciativa é sugestiva, mas peca pela ira edipiana de quem quer matar o pai que lhe ensinou tudo errado. Ainda assim, o esmero reflexivo e a promissora perspectiva de uma renovação intelectual no País são mais do que salutares, e devem começar por uma revisão crítica no interior do pensamento sociológico brasileiro, com o qual, afinal de contas, tudo começou.

Em "A Quebra do Voto de Silêncio", Sell tece crítica ao silêncio da intelectualidade ante o escândalo do mensalão e à tacanhice que sugere tudo não tenha passado de um complô da imprensa burguesa contra o proletariado. E para fazer a crítica, Sell faz ampla revisão bibliográfica, demonstrando a tépida postura crítica da intelectualidade brasileira.

A carta aberta do mencionado autor tem um defeito e uma virtude, ficando o peso de cada um a cargo das matizes ideológicos de quem a lê. Tanto uma quanto a outra residem na acertada identificação do problema da intelectualidade brasileira. Antes de tudo reconheça-se a inexistência de um pensamento conservador no Brasil, coisa que Fernando Henrique Cardoso já havia dito em relação à classe política do País, em "A Arte da Política" (Civilização Brasileira, 2006). Por exclusão, o que nos sobra é o pensamento de uma esquerda formada a partir da cepa teórica do marxismo.

A dificuldade dessa esquerda está, de maneira geral, em sustentar a força revolucionária e anticapitalista herdada de Karl Marx, um gênio do século 19, insuperável ao compreender o funcionamento do sistema econômico de seu tempo, denunciando as contradições inerentes à lógica do modo de produção, e propondo, diante da barbárie que foi o capitalismo daquele século, o fim da propriedade privada como única solução aos problemas da humanidade. Acontece, de lá para cá, que o capitalismo mudou e a sociedade não mais ressoa esse tipo de mensagem que, com todo respeito aos mortos, não sairia da boca de Marx se vivo fosse.

O leitor que aqui nos acompanha não terá a menor resistência em admitir, repita-se, a genialidade de Marx. Foi um excepcional teórico da economia do século 19 e formulador de inúmeras idéias que se tornaram elementares à compreensão do sistema capitalista. Isso vale para qualquer estudante de economia, de administração ou de ciências contábeis, do mesmo modo que sua teoria é fundamento no surgimento da sociologia. Isso porque Marx demonstrou a face política e, do ponto de vista científico, sociológica da economia. O efeito do seu esforço intelectual foi de tal impacto, que não é possível compreender nem a história econômica nem a política tampouco a história das idéias da sociedade mundial sem passar pelo autor de "O Capital", obra das mais conhecidas, e das menos lidas. Uma de suas mais geniais sacadas foi resultante da crítica aos filósofos alemães, em "A Ideologia Alemã", mas também em "Para a Crítica

---

<sup>1</sup> Artigo publicado no Jornal A Notícia - Sexta-feira, 14 de dezembro de 2007, no caderno Idéias – páginas 2 e 3

da Economia Política". Ali, o "velho barbudo", como o chamam seus idólatras, dá um verdadeiro "nó" na filosofia do século 19, o que poderia ser traduzido na letra de uma certa música dos Titãs, lembrando que "as idéias estão no chão; você tropeça e acha a solução". Em outras palavras, o que Marx conseguiu demonstrar é que o mundo concreto da economia, do modo como funciona no dia-a-dia, serve de base para a construção de idéias. Ainda, em outras palavras, o modo como pensamos as coisas e orientamos nossas escolhas, seria resultante da forma com a qual o capitalismo e suas relações de produção nos permitem entender o mundo.

Ora, trata-se de uma premissa de extraordinária percepção sociológica, embora a sua incondicionalidade e simplificação na sociologia tenham causado nuvens analíticas. Foi isso que mostrou Max Weber mais tarde, em "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" (traduzido pela Editora Pioneira). Não por acaso, esta obra foi escolhida como o maior livro do século 20, justamente por mostrar que, às vezes, na história, um complexo de idéias totalmente descolado do mundo da economia é capaz de afetá-la profundamente, permitindo compreender facetas do desenvolvimento capitalista, cujas origens nada têm de material. Weber demonstrou isso em relação ao capitalismo europeu e estadunidense, tendo qualificado substantivamente o estudo das relações sociais ao (re) colocar as idéias no seu lugar. Mostrou-se, igualmente, um dos grandes "monstros" do pensamento sociológico, fazendo lembrar outra música, do Caetano Veloso, que sugere: "Se você tem uma idéia incrível, é melhor fazer uma canção, pois está provado que só é possível filosofar em alemão". Pois bem, melhor seria se alguns exegetas cantassem em vez de filosofar. Isto tornaria mais fácil a vida de quem ingressa numa faculdade na expectativa de um conhecimento que o prepare para o futuro e não o seduza ao passado.

.....

### **O problema foi o Manifesto**

Decretar a morte do marxismo é tarefa ousada e corre o risco de pagar um preço alto. Porém, na contraposição desse argumento, pode-se dizer que articulados intelectuais na história da ocidentalidade se caracterizaram, em grande medida, pela ousadia, pela capacidade e coragem de colocar em debate as questões de seu tempo.

Talvez, mais que a falência das teses marxianas e marxistas, o que estejamos presenciando é a saída de cena de uma espécie de marxismo caracterizado pela vulgaridade na interpretação e aplicação de suas teses, ou seja, de uma leitura rasante e panfletária do marxismo, muito comum nos trópicos. A maioria provavelmente nada leu para além do "Manifesto Comunista". Porém, é necessário que se tenha em mente que na Europa, há no mínimo duas décadas, renomados intelectuais, entre eles Althusser, decretaram o esgotamento do marxismo como ideologia científica, autora de um projeto de engenharia social capaz de reconstruir a sociedade por inteiro.

Portanto, as questões que nos incitam ao debate se apresentam na seguinte perspectiva: quais as idéias marxistas que continuam vivas na contemporaneidade? Que pressupostos marxistas ainda podem apresentar alguma contribuição significativa no contexto da sociedade capitalista globalizada? O leitor pode ficar tranqüilo de que estamos desprovidos da pretensão de apresentar respostas com fundo de veracidade a estas questões, mas de reconhecer a importância do exercício do pensamento na medida em que questiona e coloca em debate idéias e convicções. Tomando por empréstimo uma frase utilizada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman em uma de suas entrevistas, reafirmamos que "a má sorte de nossas perguntas são as repostas que apresentamos". Colocar em debate o marxismo exige, acima de tudo, reconhecer as fragilidades, as

inconsistências teóricas e práticas. Nesta perspectiva, é sintomático o fato de constatarmos que não foram necessários grandes esforços e batalhas intelectuais para inviabilizá-lo. No decorrer dos acontecimentos históricos do século 20, "assistimos ao seu gradual desaparecimento". Dá-se isso a ponto de, nos dias que correm, a exemplo de "Diógenes" na antiga Grécia, termos de procurar de lanterna em punho, em pleno sol do meio-dia, um "verdadeiro marxista". Marx bebeu do próprio veneno quando afirmou em a "Ideologia Alemã" que "não é a crítica, mas a revolução a força motriz da história da religião, da filosofia e de todas as outras teorias".

O velho Marx foi um pensador do seu tempo. Um pensador do século 19 imbuído da crença nas promessas de uma ciência positiva no domínio e transformação da natureza, bem como na resolução das contradições humanas. Somem-se a essa cosmovisão as impactantes idéias da teoria da evolução anunciadas por Darwin em 1859 com a publicação de "A Origem das Espécies". No plano filosófico, Marx está envolto a idéias iluministas que apostam na razão, na autonomia humana frente ao transcendente, conferindo ao homem a possibilidade da ação, da tomada de decisões por própria conta e risco. Neste contexto, também encontramos o idealismo alemão pelo qual a realidade é o resultado da objetividade mental, do empenho racional em determiná-la.

Nesse cenário, encontramos em Marx o mais célebre discípulo de Hegel à esquerda. Trilhando os passos do mestre, como todo "bom" discípulo, procurou superá-lo, colocá-lo de "cabeça para baixo". E o faz a partir da décima primeira tese de Feuerbach, como crítica ao idealismo alemão: "Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo." A transformação necessita de um caminho, de um método e o método sine qua non a tal empreitada é o materialismo histórico como estudo da evolução da sociedade, da economia e da história, por meio dos conflitos entre as diferentes classes sociais derivadas da exploração do homem pelo homem.

A dialética hegeliana parte do princípio da contradição entre pensamento, conceito e realidade, na famosa máxima de que "o real somente é real se for racional, e o racional somente é racional se for real". O que está em jogo é a adequação entre espírito, conceito e natureza, entre pensamento e realidade que se realiza no plano da história como apreensão e realização no espírito absoluto. O materialismo histórico suprime a contradição dialética entre pensamento e realidade e remete o princípio da contradição à ordem plana da materialidade. Historicamente, as condições materiais passam a ser determinantes na forma de ser e estar dos seres humanos, na conformação de suas subjetividades. Seguindo nesta perspectiva, a luta de classes torna-se o motor da história. O marxismo assume a primazia da revolução social na pretensão de reduzir à inutilidade o repertório teórico das filosofias sistemáticas que o antecederam. Mas na mesma medida em que se lança ao nível da práxis, fragiliza-se, podendo ser refutado na dinâmica da praticidade.

---

### **A filosofia e a sociologia nos seus lugares**

Assim, o que sobra do marxismo é assombrado pelo fantasma da filosofia, que retoma seu longo caminho, ao longo dos séculos, na primazia de entender o presente e nada mais que isto. Aliás, esta foi mais uma das lições em que Marx e os marxistas faltaram, na medida em que, para Hegel, a filosofia é o pensamento do pensamento. Filosofar é o exercício do pensar e pensar bem. Seu sentido está no fato de acelerar a ruína, a crise, ou seja, é o intenso exercício de aprender a morrer, que antes de tudo é querer aprender a viver. À filosofia compete, tal qual à ave de Minerva ao entardecer, alçar vôo, e no

silêncio da noite procurar entender o que teria acontecido durante o dia; na multiplicidade de vozes da multidão em praça pública, compete a ela interpretar profundamente o tempo presente a partir das perspectivas históricas constituídas até aquele momento. O filósofo para Hegel é a "Fênix" que renasce das cinzas. Não compete a ela prever o futuro, mas apenas remexer as cinzas, interpretar o presente. Para Nietzsche, a modernidade matou Deus, mas não escondeu seu cadáver. Isto é, os modernos estão às voltas à procura de novas transcendências que lhes dêem um sentido, uma finalidade à existência a fim de realizar-se escatologicamente. Nessa perspectiva, o socialismo de Marx só poderia ser o socialismo científico. Uma leitura sistemática, científica da realidade na contraposição ao seu antecessor, o socialismo utópico (desprovido de cientificidade), nos levaria à reengenharia social materializada no comunismo. O comunismo seria, assim, a apoteose das máximas marxistas: "Ação é o critério da verdade" e "a luta de classes, o motor da história". Agora superadas e suplantadas pela totalidade comunista, passariam a configurar, no plano da história universal, como arquiteturas passadas.

---

### **Para deixar de combater o demônio capitalista**

Ora, procurando um desfecho provisório, não obstante honroso ao velho Marx, sugerimos que sejam desligados os "aparelhos" de sobrevivência. E, não obstante, que descanse em paz e perdoado, porque, em nome de boa causa lutou, como bom cristão que no fundo sempre foi, se lhe faça justiça. Nos ensinamentos sociológicos, seu vigor foi indiscutível e merece atualização. Sociólogos têm o compromisso de fazê-lo, contudo, sem a obrigação de apresentar, a todo tempo, uma alternativa revolucionária. Tomemos apenas um exemplo muito recente. O maior acidente rodoviário do Estado, ocorrido em setembro deste ano, teve merecida repercussão na imprensa. A impressão geral sobre a causa do acidente foi a imprudência de um motorista de caminhão. Ora, qual seria a contribuição de um sociólogo no calor da tragédia: a fim de evitar o linchamento moral do motorista, seria útil explicar à sociedade, pela imprensa, que o entendimento das causas pode ser ampliado na medida em que considerado um conflito inerente e escamoteado: de um lado, a aparente imprudência de um trabalhador, atrás do pão de cada dia; de outro, a pressão capitalista pela mais-valia. Agora, propor aos motoristas do mundo todo um sonoro "uni-vos" torna a tarefa do sociólogo tão pesada quanto inócua. A obrigação de dizer à sociedade o que ela deveria fazer é ao mesmo tempo tão ingloria quanto cética, tão ingênua quanto pretenciosa. Nas entrelinhas, o que Weber e Durkheim propuseram, depois de Marx, é que as ciências sociais se livrassem da obrigação pastoral de conduzir o rebanho e da missão sacerdotal de combater o demônio capitalista. Deixemos a religião aos religiosos e a política aos políticos. Só isto dará às ciências sociais brasileiras um caráter definitivamente científico.

Sandro Luiz Bazzanella é filósofo, doutorando em Ciências Humanas na UFSC e vice-coordenador do Curso de Ciências Sociais da UnC-Canoinhas  
E-mail: sandroba@terra.com.br

Walter Marcos Knaesel Birkner é doutor em Ciências Sociais pela Unicamp e professor do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da UnC-Canoinhas  
E-mail: cienciasociais@cni.unc.br

